Co-autorias

Até há pouco tempo, em sua quase totalidade, as autorias de trabalhos científicos eram atribuídas, cada uma delas, à responsabilidade específica de uma pessoa. Para sua honra ou execração, para o bem ou para o mal, o autor assinava o artigo, assumindo-lhe o conteúdo e a forma, o dito e o omitido. Depois instituiu-se a co-autoria. Um terceiro nome começa a ser aditado, depois um quarto e hoje não há mais limites, apenas o da imaginação da "equipe".

Há explicações. A mais sofisticada, que procura racionalizar a mudança, sustenta que a ciência se diversificou a tal ponto que, com especializações levando a conhecimentos cada vez mais aprofundados mas, também, mais restritos em sua abrangência, já não é possível um domínio tal que permita uma autoria individualizada de um artigo. A premissa é verdadeira, mas a conclusão é falsa. A outra vertente, mais pragmática, vê nessa tendência uma "lei do mercado" (competitivo), um "mal do século" (cada um buscando o direito a seus quinze minutos de fama), uma "troca de favores" (pois é dando que se recebe). O ajudado dá seu pagamento em co-autoria do trabalho; que interessa a quem a recebe, para edificação de seu currículo (exigido sempre, em empresas, na progressão da carreira, para referir a clientes), ou, até mesmo, para simples contemplação do próprio ego; ter seu nome impresso em artigo em que a ciência avança para o futuro tem seus encantos, convenhamos.

Os abusos não são poucos. Quando participava, recentemente, de uma comissão para julgamento de trabalhos a serem premiados, numa reunião científica, deparei-me com um, interessante, embora simples, que poderia ter um autor apenas, no máximo dois, mas que tinha oito. Algo como "Pseudomelanoma da conjuntiva. Relato de um caso". Fui à pessoa, pedi-lhe esclarecimentos. "Quatro", dizia-me, "são os patologistas". "Quatro?!" "Na verdade somente um fez a leitura da lâmina, mas é praxe em seu Departamento sempre adicionar o nome dos outros três". É bem ilustrativa tal reciprocidade: para cada laudo anátomo-patológico, participações em quatro trabalhos, três dos quais sem qualquer esforço. Não perguntei quem eram os outros integrantes da equipe. Um, possivelmente, teria sido quem levara a peça da sala cirúrgica ao laboratório; outro, talvez, quem tivesse buscado o laudo; e a adição de um terceiro nome podia, muito bem, ter sido com o argumento de que "fi-lo porque qui-lo"...

Claro que **agradecimentos** podem e devem ser feitos. Curiosamente, esse apêndice dos trabalhos tem se reduzido ou ficado abolido, enquanto a lista de autores tem aumentado. Penso que não seria descabido - ao contrário, pedagógico - que os revisores e editores de publicações científicas pudessem, ou melhor, devessem, **cobrar** justificativas de inclusão de cada co-autor. Em alguns casos, ficará difícil dizer que ao invés de agradecimentos, "confiro a X a co-autoria pela orientação na aplicação da análise estatística". Que grande injustiça e ingratidão a tantos outros orientadores e professores, que também contribuiram para a construção dos conhecimentos então explicitados, mas que apenas por estarem mais distantes ou esquecidos ficam fora do trabalho...

Ética, essa a palavra chave. Ética ao não pedir, ou melhor, não permitir, que o nome apareça como co-autor, sem que **substancialmente** algo tenha sido feito para justificá-lo. Ética ao não convidar, ou melhor, não ceder a pressões para que um nome seja incluido em co-autoria. Mas, finalmente, caberia perguntar sobre uma co-autoria: qual sua definição? Como se a reconhece?

Infelizmente a resposta não é tão fácil como, aliás, difíceis são as determinações de responsabilidades nas ações humanas. Mas há indicadores. Questão 1: sobre inspiração (ideação) e transpiração (execução) há tanto a comentar que outro editorial, exclusivamente sobre o assunto, parece conveniente. Frequentemente um trabalho depende dos dois, como a geração de um filho depende de um homem e uma mulher. Uma co-autoria é, como o nome indica, uma imersão na totalidade do trabalho, não em uma de suas partes. Questão 2: a colaboração é técnica ou interpretativa? Técnico é o trabalho de leitura de uma lâmina, o de dosagem de uma substância, o de medidas de pressão intraocular, o de cirurgias rotineiras de estrabismo, retina, etc. Merecem agradecimentos. Essenciais, recebendo a honra e a responsabilidade de uma co-autoria, são as interpretações desses achados, **em função dos outros**, que dão ao trabalho uma nova face, diferentemente da de uma coleção de laudos anátomo-patológicos de rotina, de uma relação de dosagens bioquímicas, de relatórios de cirurgias, etc. Questão 3: a colaboração é necessária e suficiente? Importantes, porque necessárias para a realização de um trabalho, a infraestrutura de um serviço, ou de um Departamento, as condições de equipamento e pessoal, devem ser indicadas. No crédito à instituição (aliás, já tradicional) pode caber a referência, a seu Chefe, cuja liturgia do cargo o obriga a zelar pelas condições de bom funcionamento dos serviços a ele subordinados, mas não o justifica como participante de quaisquer trabalhos, simplesmente por suas funções (sua administração é necessária, mas não basta para que o trabalho seja feito).

Mas voltaremos ao assunto, convidando os leitores, nesse intervalo, à reflexão e debates sobre o que já foi sobre ele introduzido.

Harley E. A. Bicas
Editora Científica